

ANÁLISE DA TAXA DE ANALFABETISMO, NOS TRÊS ÚLTIMOS CENSOS DO IBGE (1991, 2000 E 2010), DA MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA DE VITÓRIA DA CONQUISTA (BA)

Elias Antonio Batista Santos ¹

Glênio Damasceno Araújo ²

391

Resumo. O presente artigo objetiva discutir a taxa de analfabetismo nos municípios que compõem a Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista nos Censos do IBGE nos anos de 1991, 2000 e 2010. Inicialmente fez-se um levantamento bibliográfico concernente à temática do analfabetismo e do recorte espacial estudado. Em seguida, prosseguiu-se com a busca de dados secundários em órgãos oficiais, com a conseguinte tabulação e análise, através do qual foi possível a produção gráfica/cartográfica. Observou-se que embora tenha havido redução no número de analfabetos, grande quantitativo ainda engloba esse número, sendo 12,9 milhões no Brasil (em 2015), e 20,8% na Microrregião de Vitória da Conquista (em 2010).

Palavras-chave: Taxa de analfabetismo; Analfabetismo na Bahia; Programas e ações; Censos do IBGE; Microrregião de Vitória da Conquista.

ANALYSIS OF THE ANALPHABETISM RATE, IN THE LAST THREE CENSUS OF IBGE (1991, 2000 AND 2010), OF THE GEOGRAPHIC MICRO-REGION OF VITÓRIA DA CONQUISTA (BA)

Abstract. This article aims to discuss the analphabetism rate in the municipalities that make up the Geographical Microregion of Vitória da Conquista in the IBGE Censuses in the years 1991, 2000 and 2010. Initially, a bibliographic survey was carried out concerning the theme of analphabetism and the spatial clipping studied. Then, we proceeded with the search for secondary data in official bodies, with the subsequent tabulation and analysis, whereby the graphic/cartographic production was possible. It was observed that, although there has been a reduction in the number of analphabets, a large number still

¹ Graduando em Geografia, UESB – Campus Vitória da Conquista, eliasantonio980@gmail.com, ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0539-8834>.

² Graduando em Geografia, UESB – Campus Vitória da Conquista, glenioaraujo3@gmail.com, ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5121-3282>.

includes, with 12.9 million in Brazil (in 2015), and 20.8% in the Microregion of Vitória da Conquista (in 2010).

Keywords: Analphabetism rate; Analphabetism in Bahia; Programs and actions; IBGE census; Microregion of Vitória da Conquista.

ANÁLISIS DE LA TASA DE ANALFABETISMO, EN LOS ÚLTIMOS TRES CENSOS DEL IBGE (1991, 2000 Y 2010), DE LA MICROREGIÓN GEOGRÁFICA DE VITÓRIA DA CONQUISTA (BA)

Resumen. Este artículo tiene como objetivo discutir la tasa de analfabetismo en los municipios que componen la Microrregión Geográfica de Vitória da Conquista en los Censos del IBGE en los años 1991, 2000 y 2010. Inicialmente, se realizó un levantamiento bibliográfico sobre el tema del analfabetismo y el espacio recorte estudiado. Luego, se procedió a la búsqueda de datos secundarios en organismos oficiales, con la posterior tabulación y análisis, por lo que fue posible la producción gráfica/cartográfica. Se observó que, aunque hubo una reducción en el número de analfabetos, todavía incluye un gran número, con 12,9 millones en Brasil (en 2015), y 20,8% en la Microrregión de Vitória da Conquista (en 2010).

Palabras clave: Tasa de analfabetismo; Analfabetismo en Bahia; Programas y acciones; Censo del IBGE; Microrregión de Vitória da Conquista.

Introdução

A Constituição Brasileira de 1988 (BRASIL, 1988) assegura que o Governo (em seus âmbitos) é responsável em proporcionar, dentre outras coisas, o acesso à educação. Lê-se também que o ensino é dever da família e do Estado, tendo uma finalidade tripla: 1) pleno desenvolvimento do educando, 2) qualificação para o trabalho, e 3) preparo para o exercício da cidadania. Ademais, no Art. 214, o qual trata sobre o Plano Nacional de Educação, observa-se no primeiro parágrafo o seguinte objetivo: “1 - erradicação do analfabetismo;” (BRASIL, 1988, online).

Entretanto, o ideal não foi alcançado. Segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2015 (*apud* BRAGA; MAZZEU, 2017), cerca de 8% da população é analfabeta (ou seja, 12,9 milhões), sendo o Nordeste a região com maior taxa (16,2%). No tocante à Bahia, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) de 2019, apontou que o estado tinha 13% da população analfabeta (ou seja, mais de 1,5 milhão de pessoas), sendo então considerada a Unidade da Federação com maior taxa do país (BAHIA..., 2020).

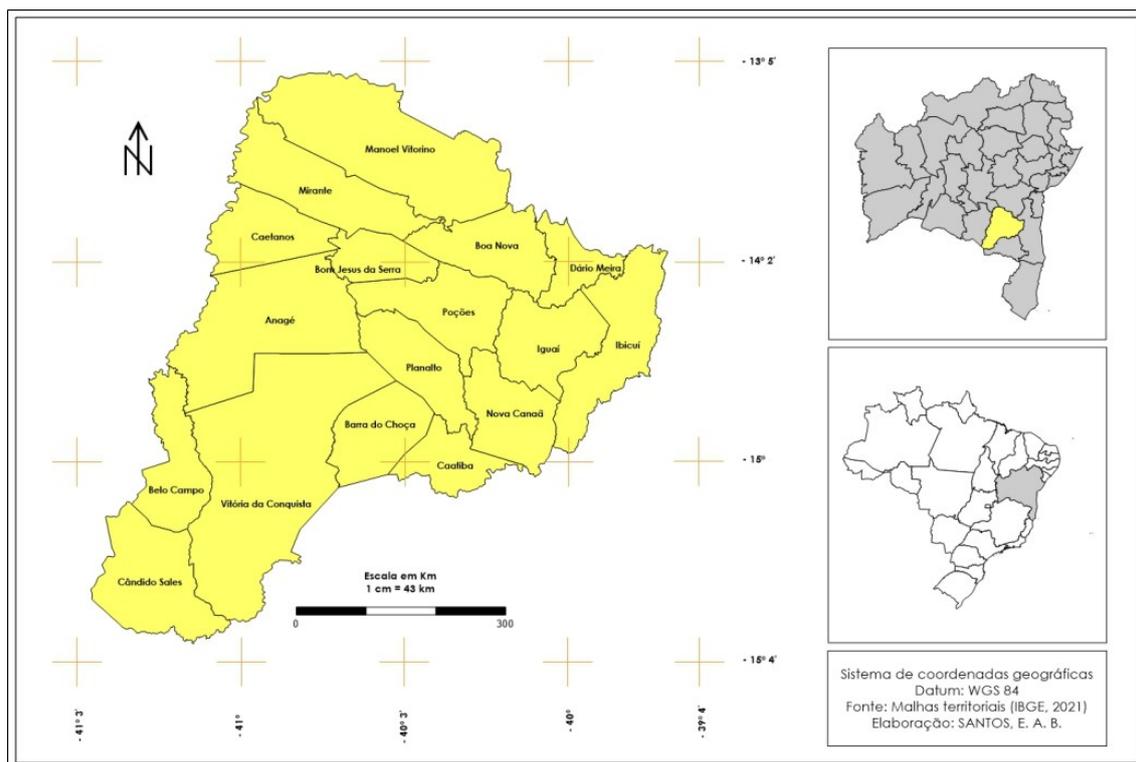
Mediante o exposto, constata-se a necessidade de discussão dessa problemática, tanto no contexto nacional, quanto, especialmente, no contexto baiano. A motivação se enquadra naquilo que Deslandes (2016, p. 42) denomina de ordem prática, e também de ordem acadêmica, haja vista que busca-se a “[...] construção de subsídios para modificar a realidade em foco, atendendo demandas sociais” e, ao mesmo tempo, preencher a lacuna de estudos sobre o tema no recorte espacial escolhido.

Desse modo, o presente texto tem o objetivo de analisar a taxa de analfabetismo dos municípios que compõem a Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista (BA), nos três últimos Censos do IBGE (1991, 2000 e 2010). A escolha desse recorte escalar se circunscreve em que os autores da pesquisa são moradores de municípios que compõe essa região, e, concomitantemente, desenvolvem pesquisas sobre eles (sobretudo em relação ao espaço urbano)³. A Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista é

³ Araújo atualmente está em fase de término de trabalho monográfico para conclusão de curso de graduação, com pesquisa até o momento intitulada: “*Expansão Urbana e o Surgimento de Novos Loteamentos na Cidade de Anagé-BA*”; e Santos, igualmente, com trabalho até o momento intitulado: Santos & Araújo, *Análise da taxa de analfabetismo, nos três últimos Censos do IBGE (1991, 2000 e 2010), da Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista (BA)*

composta por 17 municípios (Mapa 1), sendo a mesma localizada na Mesorregião Geográfica do Centro Sul Baiano.

Mapa 1: Municípios que compõe a Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista (2021)



Elaboração: SANTOS, E. A. B.

A taxa de analfabetismo, por sua vez, representa o percentual de pessoas com 15 anos ou mais que não sabem ler e escrever ao menos um bilhete simples em seu idioma (BAHIA..., 2020). A análise desse indicador social é sobremodo intrigante. Em primeiro lugar, pelo grande quantitativo de sujeitos analfabetos na contemporaneidade, contemporaneidade esta marcada, segundo o pensamento miltoniano, pelo advento do período técnico-científico-informacional (QUEIROZ, 2014). Ora, sob os auspícios da

“Metamorfoses do Espaço Especulado: o loteamento Vila América no contexto da produção do espaço urbano de Vitória da Conquista (BA)”. Ademais, este último possui um outro texto versando sobre temática correlata (SANTOS; AMARAL; NASCIMENTO, 2023).

Santos & Araújo, *Análise da taxa de analfabetismo, nos três últimos Censos do IBGE (1991, 2000 e 2010), da Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista (BA)*

globalização, não deveria se estar vivendo um avanço nas mais diversas instâncias da reprodução da vida? Todavia, não se pode esquecer que essa “globalização é perversa”, fazendo que o analfabetismo, além de outras expressões sociais, sejam a materialização da reprodução ampliada da desigualdade social (RUA; PAES; QUEIROZ, 2023). Em segundo lugar, a taxa de analfabetismo se vincula estritamente à taxa de alfabetização, esta última que é um dos 63 Indicadores de Desenvolvimento Sustentável (IDS), propostos pelo IBGE, seguindo às recomendações mundiais (IBGE, 2015), as quais contemplam as dimensões ambiental, social, econômica e institucional. Nesse sentido, averiguá-las é um modo de acompanhamento da “sustentabilidade” do desenvolvimento brasileiro. Por fim, e não menos importante, é importante lembrar que todo fenômeno é espacializável – o que inclui o analfabetismo. Segundo Moreira (2007), o mapa, representado a Cartografia (que é segundo o autor a “forma” da Geografia, sendo esta última o “conteúdo”), é a prova cabal disso.

Assim, para feitura desse intento, utilizou-se uma abordagem quali-quantitativa. Em primeiro momento, foi feito um levantamento bibliográfico e documental acerca do retrospecto do analfabetismo no Brasil (BRASIL, 1988; BRASIL, 2014; PINTO et al, 2000; BRAGA; MAZZEU, 2017; BAHIA..., 2019; GOMES; FERREIRA, 2023), bem como do recorte espacial estudado (OLIVEIRA, 1990, v.3), e outros aportes teóricos. Em segundo momento, foi realizada coleta de dados secundários, especificamente dos dados populacionais da Microrregião de Vitória da Conquista no IBGE (1991, 2000, 2010) e da taxa de analfabetismo dos municípios dessa região no Banco de dados do Sistema Único de Saúde (DATASUS). A escolha do DATASUS se explica em que esta plataforma disponibiliza as informações de forma previamente sistematizada, o que facilita o tratamento dos dados. Por conseguinte, os dados coletados em ambas fontes foram tabulados e analisados, propiciando a produção gráfica e cartográfica, mediante o *Microsoft Excel* e *MapViewer 8*, respectivamente.

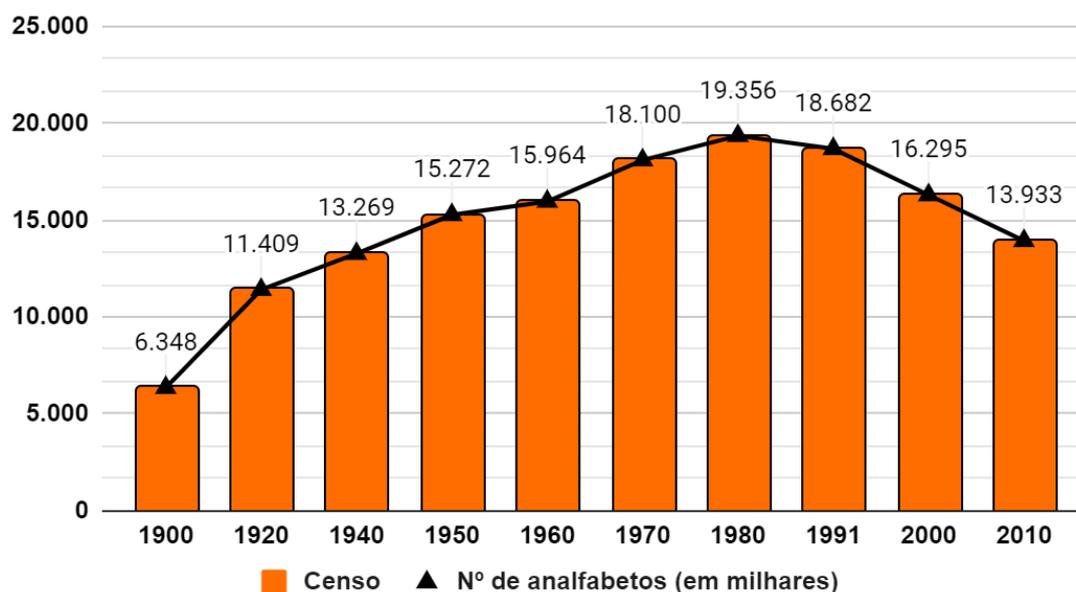
Em seguida, ambos tipos de informações foram correlacionadas. Assim, o presente texto está organizado em 4 seções: a primeira, esta, de caráter introdutório; a segunda, onde se trata sobre o analfabetismo no Brasil; a terceira, onde se discute os dados sobre o

analfabetismo na Microrregião de Vitória da Conquista; e por fim, as considerações finais.

Analfabetismo no Brasil: uma breve retrospectiva histórica

O analfabetismo é um problema antigo no Brasil, porém, problema este, não erradicado. Tal observação pode ser constatada no Gráfico 1.

Gráfico 1: Evolução do número de pessoas com 15 anos ou mais analfabetas no Brasil (1900-2010)



Fonte: Censos IBGE 1900-2010 (apud BRAGA; MAZZEU, 2017). Elaborado pelos autores.

Como observado, é somente na passagem de 1980 (pico) para 1991 que o analfabetismo no Brasil começa a diminuir. Anteriormente era um número em somente ascendência. Optou-se por ver em números absolutos com intuito de não cair num escamoteamento da realidade, haja vista que a taxa de analfabetismo mostra uma paulatina redução (BRAGA; MAZZEU, 2017). O cerne disso é que “[...] não basta a queda da taxa de

Santos & Araújo, *Análise da taxa de analfabetismo, nos três últimos Censos do IBGE (1991, 2000 e 2010), da Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista (BA)*

analfabetismo; é fundamental também a sua redução em números absolutos” (TEIXEIRA, 1971 *apud* PINTO et al, 2000, p. 512).

Olhando assim em retrospectiva, observa-se que no período colonial a “educação” – juntamente com a catequese – voltada aos povos originários, era uma forma de imposição da cultura europeia concomitante a uma supressão da cultura local, corroborando para “utilização” desses povos como mão-de-obra escrava. De forma geral, a alfabetização de jovens e adultos nesse período não era um objetivo das ações políticas, tanto é que:

O “pacto colonial” repercutiu inclusive em restrições de acesso a materiais de leitura/escrita e ao uso das línguas nativas, através de atos como: Proibição da língua ‘brasílica’ – Tupi (1727); Destruição da primeira gráfica da Colônia (1747); Proibição do despacho de livros e papéis para o Brasil (Alvará de 16 de dezembro de 1794); Aviso de repreensão a Câmara de Tamanduás (de 18 de junho de 1800, ao capitão-general de Minas) pelo ato de instituir uma aula de primeiras letras (FREIRE, 1989 *apud* BRAGA; MAZZEU, 2017, p. 29-30).

No período imperial, por conseguinte, a educação também não foi priorizada. Ainda que em decretos e mesmo na promulgação da Constituição do Império (1824) se falasse nesse direito – o da “[...] ‘instrução primária gratuita a todos os cidadãos’ [...]” (RIBEIRO, 2003, p. 45 *apud* BRAGA; MAZZEU, 2017, p. 31) –, de forma geral, não se fazia forma de viabilizá-lo, e quando o fazia, era de modo excludente, deixando de lado os povos originários, escravos e parte das mulheres.

Já no período republicano, caminhando para a atualidade, observou-se mudanças mais significativas. Os projetos e as ações viabilizadas foram, inicialmente, uma resposta às mobilizações populares, que reivindicavam “[...] o ensino popular com caráter de ‘escola única, universal e gratuita” (BRAGA; MAZZEU, 2017, p. 35). Desde a criação da Liga Brasileira Contra o Analfabetismo (1915), perpassando pelo Método Paulo Freire de Educação (1961), o surgimento do Movimento Brasileiro de Alfabetização – o MOBRAL (1967), chegando até a implantação do Programa Brasil Alfabetizado (2005), observa-se questões ideológicas, modificações na sociedade e mesmo na estrutura da educação, e, ainda que “visassem” a erradicação do analfabetismo, nunca atingiram esse fim.

Santos & Araújo, *Análise da taxa de analfabetismo, nos três últimos Censos do IBGE (1991, 2000 e 2010), da Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista (BA)*

Sobre a realidade brasileira atual, o PNADC de 2022 é esclarecedor. O título do texto de Gomes e Ferreira (2023), os quais trazem os dados da pesquisa, é sintético em relação a isso: “*Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no Nordeste*”.

A taxa de analfabetismo em 2019 era de 6,1%, tendo diminuído para 5,6% em 2022, perfazendo uma diferença em torno de pouco mais de 490 mil. O número absoluto total de analfabetos em 2022 é de 9,6 milhões de pessoas, sendo 5,3 milhões somente no Nordeste (55,3%). Os grupos de idade, sexo e cor também apresentam números bem particulares: 5,2 milhões (54,2%) tinham 60 anos ou mais e:

[...] entre as pessoas pretas ou pardas com 15 anos ou mais de idade, 7,4% eram analfabetas, mais que o dobro da taxa encontrada entre as pessoas brancas (3,4%). No grupo etário de 60 anos ou mais, a taxa de analfabetismo dos brancos alcançou 9,3%, enquanto entre pretos ou pardos ela chegava a 23,3%.

Na análise por sexo, a taxa de analfabetismo das mulheres de 15 anos ou mais, em 2022, foi de 5,4%, enquanto a dos homens foi de 5,9%. Entre os idosos, a taxa das mulheres foi de 16,3%, ficando acima da dos homens (15,7%) (GOMES; FERREIRA, 2023, *online*).

Embora o quantitativo tenha diminuído, a presença do analfabetismo no Brasil, hoje, é marcante no Nordeste, sobretudo no Piauí (14,8%), Alagoas (14,4%) e Paraíba (13,6%), os 3 estados com maiores taxas; na faixa etária de 60 anos ou mais; e nas pessoas pretas ou pardas. Tais constatações escancaram as desigualdades sociais e regionais do/no território brasileiro.

O Plano Nacional de Educação (PNE), com vigência até 2024, em sua Meta 9, dentre outros 2 elementos, tinha como objetivo, até o final de sua vigência, erradicar o analfabetismo absoluto. Embora a meta intermediária tenha sido alcançada na média do Brasil, isso não aconteceu nem para o Nordeste e nem para a população preta ou parda (BRASIL, 2014; GOMES; FERREIRA, 2023).

Mediante o exposto, observa-se que ainda hoje, o analfabetismo continua sendo um paradigma, paradigma de representação da desigualdade, desigualdade esta que se reproduz nas várias escalas geográficas. Pode-se observar tal afirmação, por exemplo, no trabalho de Rua, Paes e Queiroz (2023). Isso quer dizer que, por exemplo, embora o

Santos & Araújo, *Análise da taxa de analfabetismo, nos três últimos Censos do IBGE (1991, 2000 e 2010), da Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista (BA)*

Sudeste apresente a menor taxa de analfabetismo no país em 2022 (2,9%), ainda sim, o mesmo apresenta um quantitativo de analfabetos, os quais se espacializam em determinadas localidades. Da mesma forma o Nordeste, com maior taxa de analfabetismo. Por conseguinte, ver o fenômeno na escala tanto macro, quanto micro, se faz de suma importância.

Definitivamente, “[...] o analfabetismo tornou-se a expressão de uma sociedade que reproduz, em escala ampliada, suas desigualdades” (RUA; PAES; QUEIROZ, 2023, p. 127).

Taxa de Analfabetismo na Microrregião de Vitória da Conquista: o que dizem os Censos de 1991, 2000 e 2010?

A Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista é uma das 8 que compõe a Mesorregião Geográfica do Centro Sul Baiano (este que aglutina 118 municípios). O Centro Sul, segundo Oliveira (1990, v. 3), teria sido ocupado por correntes de populações de várias localidades (litoral e recôncavo baiano, São Paulo, entre outros), as quais estariam ligadas à mineração e expansão das fazendas de gado. Em meados de 1990, esta mesorregião era caracterizada “[...] por uma estrutura de produção tradicional baseada na agropecuária” (OLIVEIRA, 1990, v. 3, p. 292). Destacavam-se no setor agrícola o algodão, café e o cacau, e nos produtos alimentares, dentre outros, mandioca, feijão e cana-de-açúcar.

Em relação à realidade da Microrregião de Vitória da Conquista apresentada na década de 1990, em síntese, era a seguinte:

Dominam em toda a área médios e grandes estabelecimentos rurais com estrutura da produção voltada não só para a pecuária, mas, também, para a agricultura. Na ocupação dos solos cabem às pastagens as maiores extensões, preferencialmente, nas áreas de caatinga. O sistema de criação que ali se desenvolve apresenta técnicas melhoradas [...].

Já a atividade agrícola se desenvolve nas encostas do planalto, nos lugares de maior pluviosidade com uma lavoura diversificada [...] (OLIVEIRA, 1990, v. 3, p. 297).

O produto essencialmente comercial era o café, tendo sido implantado com grande aparato estatal. No mais, conforme Oliveira (1990, v. 3), apresentava-se uma densidade

Santos & Araújo, *Análise da taxa de analfabetismo, nos três últimos Censos do IBGE (1991, 2000 e 2010), da Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista (BA)*

populacional média, em que dominava a população rural, tendo como “capital” regional Vitória da Conquista.

A análise dos dados mais recentes mostram que a população urbana dos 17 municípios estavam, gradualmente, crescendo. Contudo, em 2010, 8 deles possuíam grau de urbanização menor que 50%, revelando que nestes a população era majoritariamente rural. Ademais, com exceção de Barra do Choça, Poções e Vitória da Conquista, todos os outros 14 municípios da Microrregião de Vitória da Conquista têm pequenas cidades⁴. A centralidade regional de Vitória da Conquista é continuamente afirmada, tendo sua área de influência chegado até o norte de Minas Gerais, sobretudo por sua força em relação ao setor terciário (cf. SANTOS; AMARAL; NASCIMENTO, 2023).

Essa discussão preliminar propicia os aportes para discussão da taxa de analfabetismo na microrregião, haja vista que revela, pelo menos sinteticamente, a estrutura a qual ela está assentada. Desse modo, tenta averiguar esse elemento em conjunto com outros, reverberando as instruções do IBGE (2015) em relação aos indicadores que propôs.

No Mapa 2 está representada a taxa de analfabetismo dos 17 municípios da Microrregião de Vitória da Conquista nos Censos de 1991, 2000 e 2010.

Mapa 2: Taxa de analfabetismo dos municípios que compõe a Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista nos Censos de 1991, 2000 e 2010

⁴ Para tal classificação, considerou-se a população urbana. De modo que: i) cidades pequenas são as que possuem até 20.000 habitantes; ii) médias, quando o número é maior que 20.000 e menor que 500.000; e iii) grandes quando o número ultrapassa 500.000 (cf. MAIA, 2010).

Santos & Araújo, *Análise da taxa de analfabetismo, nos três últimos Censos do IBGE (1991, 2000 e 2010), da Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista (BA)*

Conforme indicado na literatura, não basta somente a queda nas taxas, importa também queda nos números absolutos (PINTO et al, 2000; BRAGA; MAZZEU, 2017). Nesse sentido, a Tabela 1 apresenta justamente esses números.

Tabela 1: População de 15 anos ou mais não alfabetizada nos municípios que compõe a Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista nos Censos de 1991, 2000 e 2010

Municípios	População de 15 anos ou mais não alfabetizada		
	1991	2000	2010
<i>Anagé</i>	11.229	7.582	6.585
<i>Barra do Choça</i>	7.952	9.716	6.683
<i>Belo Campo</i>	4.331	3.653	3.155
<i>Boa Nova</i>	5.005	5.800	3.394
<i>Bom Jesus da Serra</i>	3.300	2.301	1.985
<i>Caatiba</i>	3.221	3.276	2.604
<i>Caetanos</i>	3.632	3.413	3.036
<i>Cândido Sales</i>	6.719	5.819	5.046
<i>Dário Meira</i>	4.442	3.959	2.947
<i>Ibicuí</i>	4.427	3.461	2.913
<i>Iguaí</i>	7.355	6.270	5.801
<i>Manoel Vitorino</i>	4.936	4.264	2.815

Santos & Araújo, *Análise da taxa de analfabetismo, nos três últimos Censos do IBGE (1991, 2000 e 2010), da Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista (BA)*

<i>Mirante</i>	2.304	3.304	2.285
<i>Nova Canaã</i>	3.873	3.664	3.814
<i>Planalto</i>	7.863	4.986	5.233
<i>Poções</i>	10.624	10.102	8.427
<i>Vitória da Conquista</i>	40.103	32.715	29.520

Fonte: DATASUS (IBGE, 1991, 2000, 2010). Elaborado pelos autores.

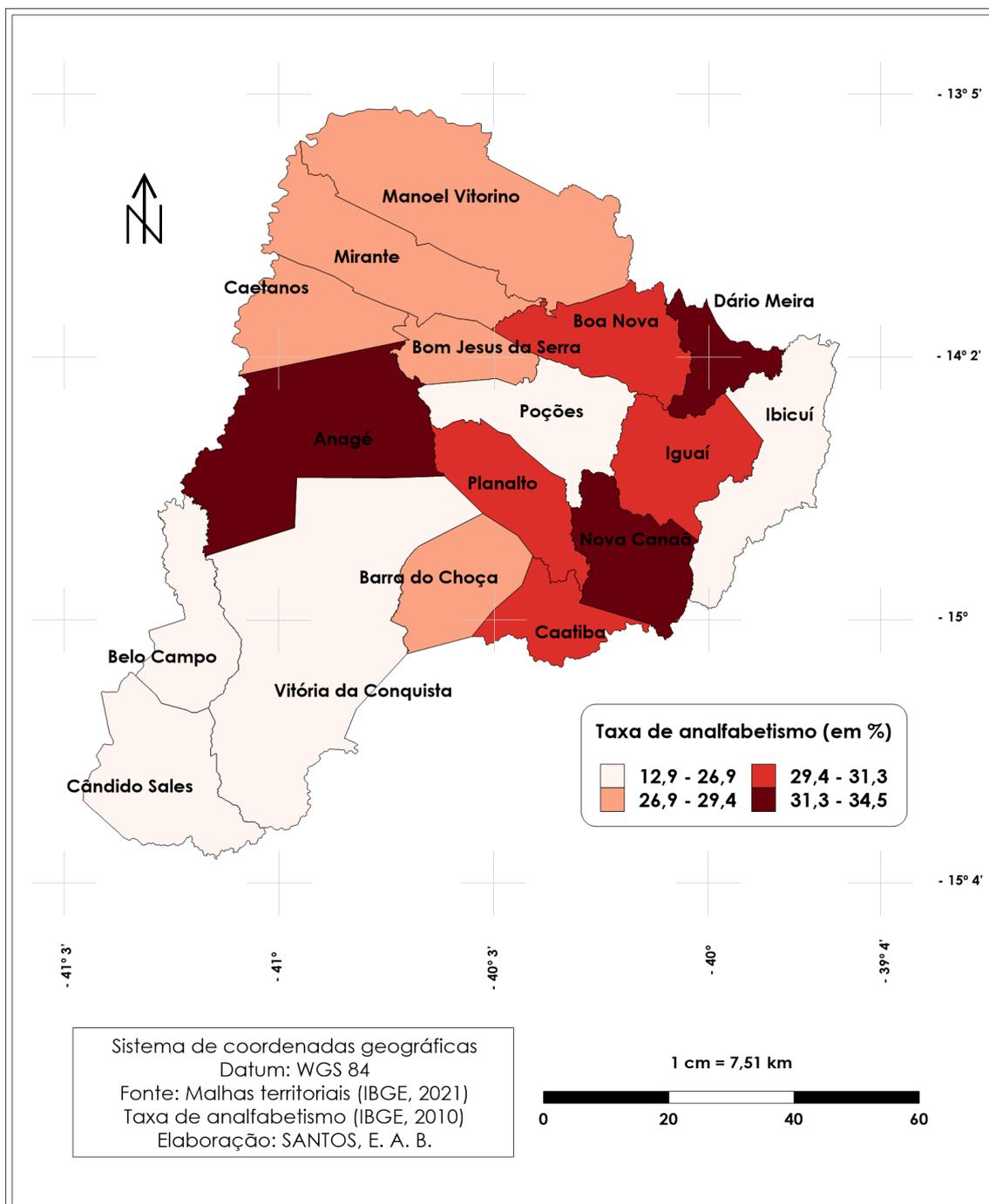
Vê-se que, diferentemente da taxa, o número absoluto de analfabetos aumentou em 6 municípios. Na passagem de 1991-2000 isso aconteceu em Barra do Choça, Boa Nova, Caatiba e Mirante, e na passagem de 2000-2010 ocorreu em Nova Canaã e Planalto. Contudo, numericamente, esse aumento foi menos expressivo em Caatiba, Nova Canaã e Boa Nova. Ademais, é importante informar que a população total com 15 anos ou mais nos 6 municípios supracitados aumentou nas passagens indicadas.

Outrossim, em 1991, Boa Nova possuía a maior taxa de analfabetismo entre os 17 municípios, com 63,9%. Em 2010, por sua vez, essa taxa reduziu para 30,4%, o que para o município significa um grande avanço. Considerando 2010, Anagé é o município com maior taxa de analfabetismo (34,5%), apesar da redução ocorrida entre 1991 e 2010 (uma queda de 11,5%).

À guisa de ilustração, no Mapa 3 pode-se observar a espacialização dessas taxas.

Mapa 3: Espacialização da taxa de analfabetismo dos municípios que compõe a Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista (2010)

Santos & Araújo, *Análise da taxa de analfabetismo, nos três últimos Censos do IBGE (1991, 2000 e 2010), da Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista (BA)*



Elaboração: SANTOS, E. A. B.

Embora as taxas de analfabetismo e mesmo o número absoluto de analfabetos tenha diminuído, olhando amplamente, é de suma importância destacar que a Microrregião indicada é composta por municípios com média populacional total em torno de 20.000

Santos & Araújo, *Análise da taxa de analfabetismo, nos três últimos Censos do IBGE (1991, 2000 e 2010), da Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista (BA)*

habitantes (não levando em consideração Vitória da Conquista), o que mostra que o número absoluto de analfabetos é, em alguns, 1/3 da população.

O IBGE (2015), ao trazer os dados a respeito da taxa de alfabetização, mostra que outros indicadores estão também relacionados, tais como índice de Gini da distribuição do rendimento, rendimento médio mensal, doenças relacionadas ao saneamento ambiental inadequado e mesmo acesso à internet.

Conforme dados do IBGE de 2010, o rendimento nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade da Microrregião de Vitória da Conquista era de R\$ 472,49 (com a ressalva de que, enquanto o município de Vitória da Conquista possuía média de R\$ 646,35, os demais municípios tinham média entre R\$ 241,76 e R\$ 361,22). Observa-se que o valor era a maior média das microrregiões da Mesorregião do Centro Sul⁵, e mesmo acima da média da mesorregião, que era de R\$ 399,95; por outro lado estava abaixo da média da Bahia, que era de R\$ 573,05, e do Brasil, que era de R\$ 901,01. Também, importante lembrar, o salário mínimo em 2010 era de R\$ 510.

Uma possível correlação que pode ser averiguada é a do rendimento nominal médio mensal, o grau de urbanização dos municípios e a taxa de analfabetismo, visto que, em relação ao Brasil, “[...] em 2012, tinham a condição de analfabetas 21,1% das pessoas habitantes do campo, assim como 6,6% das que habitavam as áreas urbanas” (BRASIL, 2014, p. 35).

Entre taxa de analfabetismo e rendimento nominal médio mensal, e taxa de analfabetismo e grau de urbanização, observou-se que, Vitória da Conquista, município com menor taxa de analfabetismo (12,9%), é também o que possuía maior rendimento médio e maior grau de urbanização da microrregião. Seguindo na ordem decrescente, os 4 municípios seguintes no *ranking* da taxa de analfabetismo (Cândido Sales, 24,8%; Ibicuí, 24,9%; Poções, 26,2%; Belo Campo, 26,8%) possuíam rendimento médio entre o intervalo R\$ 311,68 e R\$ 361,22, sendo o grau de urbanização maior que 56%, indo até 77,54%. Enquanto isso, os 5 municípios com as maiores taxas de analfabetismo: Iguai

⁵ A Mesorregião do Centro Sul apresentava a terceira menor média da Bahia, ficando atrás do Nordeste Baiano (R\$ 344,03) e do Vale São-Franciscano da Bahia (R\$ 394,07).

Santos & Araújo, *Análise da taxa de analfabetismo, nos três últimos Censos do IBGE (1991, 2000 e 2010), da Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista (BA)*

(30,9%), Caatiba (31%), Nova Canaã (31,3%), Dário Meira (32,5%) e Anagé (34,5%), apresentavam rendimento médio de, respectivamente, R\$ 302,3, R\$ 343,51, R\$ 293,18, R\$ 241,76 e R\$ 287,95, sendo que o menor rendimento da microrregião estava entre estes (Dário Meira). Quanto ao grau de urbanização, dos 5, apenas Iguai tinha quantitativo maior que 50% (56,72%), sendo que Anagé detinha o segundo menor grau da microrregião (19,3%), atrás somente de Mirante (17,22%). Por outro lado, há o exemplo de Planalto, 11º município no *ranking* da taxa de analfabetismo (ainda em sentido decrescente) – com taxa de 29,4% –, cujo rendimento médio era de R\$ 306 e grau de urbanização em 60,74%.

Assim, aparenta haver uma correlação numérica entre esses dados, reitera-se: aparenta. Porém, fato é que esses elementos indicados chamam sobremodo atenção.

Por fim, reitera-se que o quantitativo total de analfabetos é alarmante. A Tabela 3 mostra os valores da taxa de analfabetismo, da população de 15 anos ou mais não alfabetizada e da população de 15 anos ou mais total da microrregião supracitada.

Tabela 3: Taxa de analfabetismo, população de 15 anos ou mais não alfabetizada e população de 15 anos ou mais total da Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista nos Censos de 1991, 2000 e 2010

	1991	2000	2010
<i>Taxa de analfabetismo (%)</i>	41,4	27,7	20,8
<i>População de 15 anos ou mais não alfabetizada</i>	131.316	114.285	96.243
<i>População de 15 anos ou mais total</i>	317.115	411.858	462.743

Fonte: DATASUS (IBGE, 1991, 2000, 2010). Elaborado pelos autores.

Conforme pode-se observar, a população com 15 anos ou mais não alfabetizada reduziu. Porém, em 2010, a porcentagem era de 20,8% da população. Conforme constatado no PNADC de 2022, a presença do analfabetismo no Brasil, hoje, é marcante no Nordeste, nas pessoas com faixa etária de 60 anos ou mais, e nas pessoas pretas ou pardas (GOMES; FERREIRA, 2023). Segundo explica a coordenadora do PNAD do IBGE, Adriana Beringuy:

O analfabetismo segue em trajetória de queda, mas mantém uma característica estrutural: quanto mais velho o grupo populacional, maior a proporção de analfabetos. Isso indica que as gerações mais novas estão tendo maior acesso à educação e sendo alfabetizadas ainda crianças, enquanto permanece um contingente de analfabetos, formado principalmente, por pessoas idosas que não acessaram à alfabetização na infância/juventude e permanecem analfabetas na vida adulta.

[...] a tendência de queda do analfabetismo se verifica nos grupos onde ele é maior: população mais velha e pessoas de cor preta ou parda. É como se tivesse mais espaço para queda nesses grupos, uma vez que a população jovem já está mais escolarizada (GOMES; FERREIRA, 2023, *online*).

Ressalva-se que isso foi afirmado em relação aos dados do PNADC de 2022, porém, as inferências podem ser feitas – pelo menos de forma geral –, aos anos anteriores, nesse caso, 2010. Conforme anteriormente falado, na Microrregião de Vitória da Conquista, das 17 cidades, 14 são pequenas (com a observação de que Barra do Choça possuía 22.407 habitantes; Poções, 34.659; e Vitória da Conquista, 274.739). Essa informação é relevante no sentido de que, ao traçar um panorama das pequenas cidades no Nordeste, Maia pontua (2010, p. 29, 34) que:

Destarte as particularidades econômicas pontuais, percebe-se uma similaridade entre as denominadas cidades pequenas do Nordeste, em especial a **forte relação campo–cidade**, que se revela na economia municipal, em que a agricultura e a pecuária aparecem como os principais componentes econômicos, assim como a **incipiente oferta de serviços e ainda um comércio bastante restrito**, especialmente naquelas de menor contingente populacional. [...] como bem constataram Silva, Gomes e Silva (2009, p. 93), a **economia frágil** é uma característica das cidades pequenas e estas dependem “quase que exclusivamente apenas dos recursos oriundos do Fundo de Participação dos Municípios (FPM)”. Vale acrescentar que parte da economia dos municípios cujas sedes apresentam contingente

populacional inferior a 20 mil habitantes provém da gestão da economia rural ou de recursos da União.

Clementino (1996) esclarece que os pequenos municípios do Nordeste brasileiro, “em sua grande maioria, não possuem base econômica agrícola ou industrial que lhes favoreça na geração de emprego e renda ou que lhes propicie uma base tributável própria para reduzir sua dependência da União” (CLEMENTINO, 1996, p. 6). A referida autora afirma ainda que são **os gastos públicos — através da conta dos aposentados e pensionistas do Funrural ou das transferências de receitas governamentais constitucionais, basicamente do Fundo de Participação Municipal — que propiciam a circulação monetária e garantem o funcionamento do pequeno comércio existente** (grifo nosso).

O contexto apresentado pelas pequenas cidades é de não somente incipiente comércio e oportunidades de emprego, mas também de serviços essenciais à população (escola, hospitais, aparatos públicos, etc). Soma-se a isso o caráter rural da maioria dos domicílios, bem como à forte relação campo-cidade, o que ressalta o balanço feito por Adriana Beringuy, sobretudo quando se pensa sobre a faixa etária (e acrescenta-se, econômica) da população que habita esses espaços. Tais fatores, definitivamente, impactam o acesso à alfabetização, o que, porventura, podem explicar (ou ao menos tentar fazê-lo) acerca da realidade da microrregião estudada. Não à toa, é que se lê no PNE as seguintes diretrizes:

As ações planejadas devem ter como objetivo a superação do analfabetismo entre jovens com 15 anos ou mais, adultos e idosos, concebendo a educação como direito, e a oferta pública da alfabetização como porta de entrada para a educação e a escolarização das pessoas ao longo de toda a vida. A articulação entre as ações de alfabetização e a continuidade na educação de jovens e adultos deve ser promovida com ações conjuntas do poder público e da sociedade civil organizada [...].

Especial atenção deve ser dada a políticas públicas de educação no campo e de juventude que possibilitem a jovens agricultores e familiares, excluídos do sistema formal de ensino, a elevação da escolaridade em ensino fundamental com qualificação inicial, respeitando as especificidades dos povos do campo (BRASIL, 2014, p. 35-36).

O analfabetismo é uma realidade ainda hodierna, o qual demanda esforços em conjunto para sua superação – quiçá, não utopicamente falando, pois, embora vive-se em um espaço organizado em rede, fluido, não se pode esquecer que “[...] a rede é o auge do caráter desigual-combinado do espaço” (MOREIRA, 2007, p. 62).

Santos & Araújo, *Análise da taxa de analfabetismo, nos três últimos Censos do IBGE (1991, 2000 e 2010), da Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista (BA)*

Considerações finais

Tendo em vista a análise dos aspectos mencionados, observou-se que o analfabetismo é um problema antigo no Brasil. Embora várias ações e programas com objetivo de erradicá-lo tenham sido criados, nunca se chegou a esse fim – objetivo o qual fora colocado nessas mesmas ações e programas. Contudo, há de se observar que, em maior ou menor grau, houve uma diminuição dessa problemática.

A partir dos dados analisados, foi possível observar que dos anos 1900 até 1980 houve um paulatino crescimento no número de analfabetos – perfazendo um aumento de mais de 13 milhões –. A redução nesse número só começou a ocorrer a partir dos anos 1980. Porém, o número que se tem em 2010 é equivalente – na casa dos milhões – ao que se tinha em 1940.

No que concerne à Microrregião de Vitória da Conquista, viu-se que, de forma geral, a taxa de analfabetismo, bem como o número absoluto de analfabetos dos seus 17 municípios vêm sendo reduzida. Contudo, o número ainda é relativamente grande: 96.243 (o que perfaz 20,8% da população de 15 anos ou mais).

Tais dados apontam para a emergência da discussão dessa temática, sobretudo na Bahia. Nesse sentido, espera-se que a presente análise possa subsidiar futuras outras, em especial após a divulgação do Censo do IBGE de 2022, através da qual será possível averiguar e comparar essas variáveis, bem como aprofundá-las ao correlacionar com outras. Nesse aspecto, a análise conjunta de indicadores, tais como propostos pelo IBGE (2015), poderão ser benéficas.

Referências Bibliográficas

- BAHIA tem maior taxa de analfabetismo do país em 2019, aponta IBGE. **G1 Globo**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/07/15/bahia-tem-maior-taxa-de-analfabetismo-do-pais-em-2019-aposta-ibge.ghtml>>. Acesso: 20 de ago. de 2022.
- BRAGA, Ana Carolina; MAZZEU, Francisco José Carvalho. O analfabetismo no Brasil: lições da história. IN: *RPGE – Revista on line de Política e Gestão Educacional*, v. 21, n.1, p. 24-46, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9986/6590>>. Acesso em: 20 de ago. de 2022.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 de ago. de 2022.
- _____. Ministério da Saúde. **Banco de dados do Sistema Único de Saúde (DATASUS)**. Disponível em: <<https://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude-tabnet/>>. Acesso em: 18 de out. de 2022.
- _____. Ministério da Educação. Meta 9. IN: **Planejando a próxima década: conhecendo as 20 metas do Plano Nacional de Educação**. Brasília (DF): MEC, 2014. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf>. Acesso em: 26 de out. de 2023. p. 35-36.
- DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. IN: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 5ª. reimp. Petrópolis (RJ): Vozes, 2016. (Série Manuais Acadêmicos). p. 29-55.
- GOMES, Irene; FERREIRA, Igor. Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no Nordeste. **Agência IBGE Notícias**, 2023. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste>>. Acesso em: 26 de out. de 2023.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico – 1991**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25089-censo-1991-6.html?edicao=25090&t=downloads>>. Acesso em: 18 de out. de 2022.
- _____. Censo demográfico – 2000, 2010. IN: **Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA)**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/home/pimpfbr/brasil>>. Acesso em: 18 de out. de 2022.
- _____. **Indicadores de Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94254.pdf>>. Acesso em: 26 de out. de 2023. (Estudos e pesquisas. Informação geográfica, 10).
- Santos & Araújo, *Análise da taxa de analfabetismo, nos três últimos Censos do IBGE (1991, 2000 e 2010), da Microrregião Geográfica de Vitória da Conquista (BA)*

- MAIA, Doralice Sátyro. Cidades médias e pequenas do Nordeste: conferência de abertura. IN: LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel (orgs). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador (BA): SEI, 2010. Disponível em: <<https://cutt.ly/RBzOJZp>>. Acesso em: 06. de nov. de 2021. p. 15-41. (Série estudos e pesquisas, 87).
- MOREIRA, Ruy. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. **etc..., espaço, tempo e crítica**, v. 1, n. 1 (3), p. 55-70, jun. 2007. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/cartografia_ensinoGeografia2016/racioc%EDnio%20geogr%E1fico%20-%20ruy%20moreira.pdf>. Acesso em: 26 de abr. de 2023.
- PINTO, José Marcelino de Rezende et al. Um olhar sobre os indicadores de analfabetismo no Brasil. IN: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília (DF), v. 81, n. 199, p. 511-524, set./dez. 2000. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1340/1079>>. Acesso em: 05 de out. de 2022.
- QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. Espaço geográfico, território usado e lugar: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos. IN: **Revista ParaOnde!?**, Porto Alegre (RS), v. 8, n. 2, p. 154-161, ago./dez. 2014. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/61589/36420>>. Acesso em: 26 de jun. de 2023.
- RUA, Emilio Reguera; PAES, Beatriz da Silva Corrêa; QUEIROZ, Fabio Soares. A multiescalaridade do analfabetismo no Brasil: desenvolvimento desigual e combinado? IN: OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de (orgs.). **Geografias e educação: singulares mãos docentes**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/258037>>. Acesso em: 26 de out. de 2023. p. 113-131.
- SANTOS, Elias Antonio Batista; AMARAL, Sarah Sousa dos Santos; NASCIMENTO, Erlan Rocha do. Reflexões sobre a urbanização brasileira: o caso de Vitória da Conquista (BA). IN: **Revista de História da UEG, Morrinhos (GO)**, v. 12, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 2023. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/13288/9602>>. Acesso em: 12 de jul. de 2023.

Data de Submissão: 11/01/2023

Data da Avaliação: 24/11/2023